

Entre dois poetas mineiros

Laura Ribeiro da Silveira*

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. *Murilo na cidade: os horizontes portáteis do mito*. Blumenau : Edifurb, 2003.

A recém-publicada análise da obra memorialística de Murilo Mendes, tese de doutoramento do poeta e professor Fernando Fábio Fiorese Furtado, deve ser lida como um ensaio lírico, cuja harmonia entre forma e conteúdo aflora desde as primeiras páginas.

A obra poética de Fernando Fiorese, da qual destacamos *Corpo portátil* (de cunho memorialista) e *Dicionário mínimo* (poemas em prosa), ressoa ao longo do ensaio na capacidade de tratar “a escrita do eu” exibida pelo autor, para quem “escrever a memória é brincar com o perigo. Mas o rito da escrita coloca sob controle o incidente perigoso, agencia sob sua rubrica a ação dos fantasmas, convoca o princípio do prazer para conduzir a cena” (p. 24).

A fluidez absoluta do texto se dá no encontro de uma linguagem aprioristicamente

poética com a leveza de uma prosa cuidada. O resultado é uma análise na qual cohabitam *mythos* e *logos*. Se o título da obra (*Murilo na cidade*) prenuncia a eleição de A idade do serrote, o subtítulo (os horizontes portáteis do mito) garante um passeio pela obra de Murilo Mendes, com exemplos e referências essenciais à análise, “assim pretendemos as digressões como o avizinhar-se cuidadoso e necessário ao desvelamento da relação entre memória e texto” (p. 51).

Fernando Fiorese divide o livro em quatro partes intimamente tecidas, quais sejam:

A mãe desdobrada, construída sobre símbolos aquáticos que remetem à duplicação da mãe em mulheres presentes na infância de Murilo Mendes e à “cosmogonia” do poeta, porque “demudar em água viva o rio da memória é emergir do dilúvio do esquecimento, fazendo da escrita o gesto cosmogônico, ainda que minúsculo, capaz de regenerar formas dissolvidas pelo tempo” (p. 27).

Ossos do paraíso, marcada pelas gêneses do menino e da cidade, numa imbricação de história e mito, revela o surgimento de uma nova realidade, cujo fio condutor é a memória. Para Fiorese, Murilo Mendes “ressalta que demudar em mito a infância e pela escrita regressar ao tempo de origem – ainda que origem singular, histórica, pessoal – significa reproduzir a obra divina” (p. 55).

Município-universo, que também poderia se chamar Casa-cosmos, explora possíveis relações entre o quarto, a casa da infância, as casas das mulheres (proteção), as casas dos homens (aprendizado), a cidade e o cosmos, a partir da suspensão do tempo real, da mitificação dos acontecimentos e da confluência de antagonismos nas lembranças ou na imaginação. Assim, “conjugando real e irreal, finito e infinito, vulgar e maravilhoso, o precoce visionário desvela no quarto os horizontes portáteis que acionam seus sonhos viajados” (p. 81).

Ficções da infância, parte final do livro, coloca a memória sob suspeita, uma vez que o imaginário é sempre atuante, as leituras transitam entre os diversos horizontes e a construção se dá no futuro. “E neste trabalho de passagens, de deslocamentos, de travessias, a prosa muriliana realiza a terceira margem entre a memorialística documentária e testemunhal e a ficção *stricto sensu*” (p. 143)

A erudição de Fernando Fiorese se faz sentir ao longo do texto, tanto pela escolha vocabular quanto pela riqueza e variedade de fontes consultadas e citadas, de grandes críticos, semiólogos e gramáticos, a escritores e poetas temporal e espacialmente diversos. A abundância de estrangeirismos também chama a atenção do leitor e até soaria artificial não fosse o objeto da pesquisa Murilo Mendes, poeta que tanto incorporou palavras estrangeiras quanto aportuguesou vocábulos no seu léxico. Talvez seja, pois, um eco ou uma identificação.

O livro de Fernando Fiorese deve ser acrescentado à fortuna crítica de Murilo Mendes como um estudo verticalizado que revela o fôlego do pesquisador. É leitura indispensável para aqueles que trilham os caminhos da crítica literária, sobretudo na área da escrita memorialística.

Por fim, a admiração e o respeito que Fernando Fiorese tem pela obra de Murilo Mendes contribuem para a caracterização do texto, sempre elevado, generoso e nobre, digno de ambos os poetas, os quais, se não conterrâneos, pelo menos herdeiros de uma infância na Juiz de Fora que subsistiu na memória e no imaginário dos meninos visionários de olhos armados.